



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS INGLÊS – LICENCIATURA PLENA**

JOSÉ WELLINGTON SOUZA DE ARAÚJO SOBRINHO

**A PRÁTICA DA SIMONIA E ASPECTOS GERAIS DA SOCIEDADE
MEDIEVAL ATRAVÉS DA OBRA “*THE CANTERBURY TALES*” DE
GEOFFREY CHAUCER**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

JOSE WELLINGTON SOUZA DE ARAUJO SOBRINHO

**A PRÁTICA DA SIMONIA E ASPECTOS GERAIS DA SOCIEDADE
MEDIEVAL ATRAVÉS DA OBRA “*THE CANTERBURY TALES*” DE
GEOFFREY CHAUCER**

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Inglês.

Área de concentração: literatura, religião.

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

CAMPINA GRANDE - PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S677p Araujo Sobrinho, Jose Wellington Souza de.
A prática da simonia e aspectos gerais da sociedade medieval através da obra "The canterbury tales" de Geoffrey Chaucer [manuscrito] / Jose Wellington Souza de Araujo Sobrinho. - 2021.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Simonia. 2. Literatura inglesa. 3. Direito canônico. 4.
Comportamento social. I. Título

21. ed. CDD 801.95

JOSE WELLINGTON SOUZA DE ARAUJO SOBRINHO

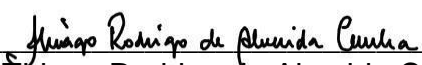
**A PRÁTICA DA SIMONIA E ASPECTOS GERAIS DA SOCIEDADE
MEDIEVAL ATRAVÉS DA OBRA “*THE CANTERBURY TALES*” DE
GEOFFREY CHAUCER**

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Inglês.

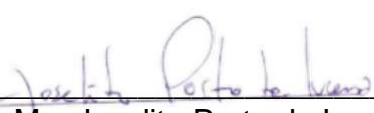
Área de concentração: literatura, religião.

Aprovada em: 21/05/2021.

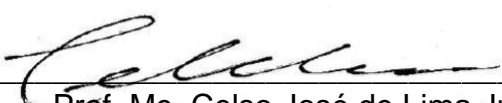
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Joselito Porto de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Celso José de Lima Junior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha querida avó, Vauneide Souza, em homenagem póstuma, DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	CONHECENDO O AUTOR E SUPONDO OS MOTIVOS PELOS QUAIS ELE ESCREVEU A OBRA	6
2.1	Conhecendo a obra e seu autor	6
2.2	Buscando entender as possíveis motivações que fizeram Chaucer compor os contos	7
3	INTRODUZINDO ALGUNS ASPECTOS DO DIREITO	8
3.1	Analisando a perspectiva transcendental do direito canônico e a validade do atual CIC mesmo em uma obra do início do século VI	8
4	ENTENDENDO O PAPEL DA IGREJA NA IDADE MÉDIA E APRESENTANDO A CRISE DE MORALIDADE	9
4.1	Como a Igreja adquiriu o <i>status</i> na Idade Média e o seu papel	9
4.2	Conflitos morais e seus possíveis motivos	10
4.3	Como a igreja reagia a esses confrontos morais?	11
5	METODOLOGIA	12
6	ASPECTOS AMORAIS E CRIMES CANÔNICOS OBSERVADOS NA OBRA	13
6.1	Analisando o primeiro conto: <i>The Friar’s Tale</i>	13
6.2	Analisando o segundo conto: “<i>The Pardoner’s Tale</i>”	15
6.3	Categorizando os crimes e mostrando a luz do CIC as punições devidas	17
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	19

A PRÁTICA DA SIMONIA E ASPECTOS GERAIS DA SOCIEDADE MEDIÉVAL ATRAVÉS DA OBRA “*THE CANTERBURY TALES*” DE GEOFFREY CHAUCER

Jose Wellington Souza de Araújo Sobrinho¹

RESUMO

Nesse artigo discutiremos dois contos nos quais analisamos os aspectos sociais e o comportamento do clero e da sociedade em geral em meio a uma série de pecados contra a fé e o cometimento de simonia. Temos como objetivos específicos (I) Identificar de que forma a simonia é abordada por Chaucer em *Canterbury tales*, (II) Relacionar o aspecto da obra com o CIC (*codex iuris canonici*), evidenciado a lei da Igreja, (III) Mostrar a importância da obra para proporcionar uma mudança a Igreja com relação a simonia e pecados de alguns leigos insultados por clérigos, (IV) apresentar os contos e os aspectos sociais da Sociedade de Chaucer. Utilizaremos uma observação metodológica descritiva e bibliográfica para discutir a obra. Verificaremos que o objetivo dessa obra era mostrar a sociedade da época e cobrar posturas diferentes do clero e da sociedade, para que assim sejam mais fiéis ao Evangelho salvífico de Cristo.

Palavras-Chave: Simonia; Literatura Inglesa; Direito Canônico; Comportamento social

ABSTRACT

In this article we will discuss two tales in which we analyse the social aspects and the behaviour of the clergy and society in general amidst a series of sins against the faith and the commitment of simony. We have as general objectives (I) Identify how the simony is addressed by Chaucer in *Canterbury tales*, (II) Relate the aspect of the work with the CIC (*codex iuris canonici*), evidenced the law of the Church, (III) Show the importance of the work to provide a change in the Church regarding simony and sins of some lay insulted by clerics, (IV) present the tales and social aspects of Chaucer's Society. We will use a descriptive and bibliographical methodological observation to discuss the work. We will suppose that the aim of this work was to show the society of the time and charge different postures of the clergy and society, so that they are more faithful to the saving Gospel of Christ.

Keywords: Simony; English Literature; Code of Canon Law; Social behaviour

1 INTRODUÇÃO

The Canterbury Tales (1386), escrito por Geoffrey Chaucer, foi uma das mais importantes e primeiras obra escrita do início da literatura inglesa da Idade Média. Nessa obra, Chaucer nos conta uma história sobre um grupo de em peregrinação à terra de Santo

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba
josewellington162@gmail.com

Tomás Becket². Durante essa peregrinação³, Chaucer escreve contos que ficaram famosos por suas fortes críticas à Igreja Romana.

Discutimos sobre o contexto social da época e como Chaucer aborda os problemas da sociedade e da Igreja Católica da época. Segundo Lauren (2008), o grande ponto da crítica da obra de Chaucer foi o cometimento dos pecados de simonia⁴, ganância, corrupção e outros, o que foi fortemente criticado pelo autor pelo simples fato de ser visto como normal nessa sociedade. O objetivo deste artigo é demonstrar como o trabalho de Chaucer foi importante para problematizar ações da Igreja Católica, a fim de proporcionar uma reflexão que trouxesse mudança à Igreja para que assim fosse mais leal à sua crença e ao Evangelho de Jesus, e também supor os motivos que o levaram a escrevê-lo.

Escolhemos os contos "*The friar's tale*" e "*The pardoner's tale*" pois cremos que esses contos são os mais importantes para demonstrar o cometimento de simonia e como os clérigos faziam a fé como uma ferramenta para ganhar dinheiro, tornando a Igreja um negócio e, como Lauren (2011) apontou: "a religião feita como um negócio". Com isso, fizemos uma ponte com a lei da Igreja, o CIC (*Codex Iuris Canonici*) e a obra.

Para isso, estabelecemos quatro objetivos específicos: (I) Identificar de que forma a simonia é abordada por *Chaucer em Canterbury Tales*, (II) Relacionar o aspecto da obra com o CIC (*codex iuris canonici*), evidenciado a lei da Igreja, (III) Mostrar a importância da obra para proporcionar uma mudança à Igreja com relação à simonia bem como alguns pecados cometidos por leigos insultados pelos clérigos, (IV) apresentar os contos e os aspectos sociais da sociedade na qual Chaucer estava inserido.

Na próxima seção, conheceremos aspectos gerais da obra e do autor, tendo como base entender de que forma se deu a obra e quais os possíveis motivos que levaram o autor a escrevê-la.

2 CONHECENDO O AUTOR E SUPONDO OS MOTIVOS PELOS QUAIS ELE ESCREVEU A OBRA

2.1 Conhecendo a obra e seu autor

The Canterbury Tales foram publicados em 1386, e de acordo com Theobard (2016) numa época em que Chaucer passava por dificuldades financeiras, embora tivesse pedido recentemente a proteção do Rei Ricardo II. Em 1399 o rei perdeu o seu poder, sendo destronado. Após isso Chaucer não tinha mais nenhum recurso da Coroa Inglesa tendo sua produção literária afetada. Logo depois, afundado em crises financeiras e psicológicas em 1400, o autor faleceu.

A obra conta a história de 30 peregrinos (sem o próprio Chaucer, 29), ao santuário de Saint Thomas Beckett, e fazem uma aposta de cada um dos peregrinos contarem duas histórias, uma na ida às terras sagradas e uma na volta, o que totalizaria 120 contos ao todo. Entretanto, o autor morre antes de concluir a obra.

*Os contos da Cantuária*⁵ é conhecida por ser uma das primeiras obras e precursora de outras obras na Literatura Inglesa, é considerada também uma obra de enfática e forte crítica à Igreja Romana e seus posicionamentos.

² São Thomas Becket, Tomás Becket, Tomás de Cantuária ou Tomás de Londres, foi arcebispo de Cantuária entre 1162 e 1170.

³ A peregrinação ocorria até os solos sagrados da Cantuária. Chaucer em seus contos faz referência às histórias contadas nessas peregrinações, nas quais os próprios peregrinos que contam as histórias são os narradores delas.

⁴ Simonia é um crime canônico que se define quando algum agente da Igreja, obtém lucro financeiro por aquilo que deveria ser gratuito, isto é, um sacramento ou um sacramental como as relíquias. "De graça recebestes, de graça deveis dar!" (Mt 10,8)

⁵ Tradução para o português, a obra é colocada com essa tradução na versão em língua portuguesa.

Veremos na perspectiva de Theobard (2016), alguns aspectos gerais da obra e importantes informações sobre o autor:

Escrita na segunda metade do século XIV, *The Canterbury Tales* reflete as vicissitudes de uma época cheia de eventos como foi a da vida de seu autor, Geoffrey Chaucer (1343-1400). Filho da burguesia ascendente, que tinha acesso à instrução e tomava sobre si a responsabilidade de produzir uma cultura laica, em substituição à cultura essencialmente religiosa proveniente dos mosteiros, Chaucer aproximou-se da corte, servindo a sucessivos reis como funcionário público justamente quando a Inglaterra vivia o início dos conflitos da Guerra dos Cem Anos com a França e várias irrupções da Peste Negra assolavam a Europa. Aprendeu idiomas e viajou a serviço, conhecendo vários países (França, Itália) e suas manifestações culturais. Acredita-se que o conhecimento do *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, para citar apenas um nome, foi determinante para a produção dos *Canterbury Tales*. Por outro lado, a obra de Chaucer também se beneficia do contato com uma longa série de relatos encontrados na literatura desde a antiguidade. (THEOBARD, p. 01, 2016).

Verificamos que o autor, apesar de uma formação estritamente ligada à Corte, mesmo tendo sido filho de pais pobres, manteve seu posicionamento crítico à Igreja e seus desmandos na época, podendo assim mostrar que mesmo diante da educação voltada para as altas classes, pôde se preservar enquanto crítico das elites até então dominantes.

2.2 Buscando entender as possíveis motivações que fizeram Chaucer compor os contos

Essa nossa suposição baseia-se no capítulo retratação de Chaucer, logo após o conto do Pároco, no qual buscaremos, conforme proposto em nossos objetivos gerais, entender as possíveis motivações que levaram o autor a compor a obra. Tal entendimento nos faz pensar o que se passava no íntimo do autor, entendendo suas ansiedades apresentadas.

Se aqui encontraram algo de proveitoso, que agradeçam a Nosso Senhor Jesus Cristo, pois dele vem toda sabedoria e toda virtude. E se encontrarem algo que os desagrade, imputem-no à minha falta de habilidade e à minha ignorância [...] Pois nosso Livro diz que “tudo o que está escrito está escrito para nossa edificação”, e foi isso o que pretendi fazer. (COGHILL, 1951, p. 580)

Verificamos por meio desta citação que o autor teve como uma das intenções mostrar por sua obra virtudes de Cristo, que é exatamente o que vemos durante todos os escritos, entretanto reconhece alguns pontos problemáticos na obra e o autor, entretanto, pede que: “imputem-no à minha falta de habilidade e à minha ignorância”. Teve como objetivo maior, conforme supomos, escrever para a edificação da Igreja, não como um edifício a subir, e sim como a construção e reestabelecimento do Corpo Místico de Cristo.⁶

O autor, ainda reconhecendo possíveis erros, expõe nessa retratação que considera como pecados os escritos que neles se inserem *The Canterbury Tales*, afirmando que inclusive os rejeita, pedindo a piedade divina para sua alma. Chaucer demonstra uma tamanha preocupação por sua alma, e, em contrapartida, afirmando outras de suas obras como boas — à tradução da obra *De Consolatione*, de Boécio, e quanto às diversas lendas de santos e homilias, e quanto aos trabalhos de moral e devoção — agradece-as da seguinte forma, demonstrando sua ansiedade e medo de não ser salvo:

⁶ De acordo com a teologia, a Igreja é o Corpo Místico de Cristo, sendo Cristo o cabeça Dela, e o romano pontífice, o cabeça visível. Os demais, são membros pertencentes da Igreja, assim como Chaucer, um leigo.

[...] por todos esses, agradeço ao Nosso Senhor Jesus Cristo e a sua abençoada Mãe, e a todos os santos do céu, rogando que todos eles, de agora até o fim de minha vida, concedam-me a graça de lamentar meus pecados e de ponderar sobre a salvação de minha alma e para que eu possa, no Dia do Juízo, estar entre aqueles que serão salvos. *Qui cum patre et Spiritu Sancto vivit et regnat Deus per omnia saecula*. Amem. (ibidem, p. 580-581).

A obra de Chaucer é a por ser uma das primeiras composições em Inglesa, retoma aspectos da sociedade da Idade Média, de forma satírica e humorada o autor traz as suas críticas a própria Igreja a qual pertence, entretanto, fica claro que essas críticas foram para a construção de uma Igreja mais fiel ao que prega.

Demonstrando escárnio e arrependimento o autor encerra seus contos, como é possível ver no capítulo citado. O que nos leva a entender que apesar de um objetivo bom, como a edificação da Igreja, supomos que o autor tenha se arrependido de expor a Igreja dessa forma, e por isso tem de não ser salvo. Dessarte, compreendemos Chaucer como um homem incerto, alguém que mesmo tendo uma educação cristã conforme mostramos e denunciando vários crimes, não tem nem certeza de sua própria salvação e condena até mesmo aquilo que escreve.

No tópico a seguir, discorreremos sobre alguns aspectos do direito, fazendo uma ponte entre a obra e o direito canônico, mostrando como o atual código se aplica a fatos ocorridos no tempo em que a obra se deu, e pelo princípio da transcendentalidade da doutrina Católica.

3 INTRODUCINDO ALGUNS ASPECTOS DO DIREITO

“*The canterbury Tales*” constitui uma representação da sociedade da época e mostra os enquadramentos da situação social apresentada por uma sociedade marcada de hipocrisias, na qual não viviam de fato o que pregavam. E para Aristóteles⁷, a arte trata-se da mimese da realidade, que é exatamente o que vemos em *Canterbury Tales*. Mais do que tudo isso, como sugere o mesmo autor, é, porém, uma análise da natureza humana dado aos vários comportamentos avarentos e necessariamente pecaminosos, tanto do Clero, quanto dos leigos.

Apesar de verificar de forma breve os aspectos da sociedade da época e as contradições encontradas, para este trabalho, vamos nos concentrar no que a obra supõe sobre os vícios dos agentes católicos e seus pecados, e especificadamente nesta seção, mostraremos a validade do Código de Direito Canônico atual para a época em que se deu a obra de Chaucer, tendo também como objetivo situar aspectos gerais do direito canônico.

3.1 Analisando a perspectiva transcendental do direito canônico e a validade do atual CIC mesmo em uma obra do início do século VI

Aprouve a Igreja enquanto Mãe e fonte dispensadora de todas as graças celestiais, ao decurso da história, promover coleções de sagrados cânones que observassem a vida eclesiástica⁸ e também o laicato⁹. Afirma o papa Celestino I (376-432), conforme vemos no Código (1992): “sobretudo aos ministros sagrados, uma vez que não é lícito a nenhum sacerdote ignorar os cânones, como já advertia o Papa Celestino na carta aos Bispos da Apúlia e da Calábria”.

Para entendermos a importância e a natureza do direito canônico observamos “A Constituição Apostólica *Sacre Disciplinae Leges* (1983) “, para a Igreja, pois Ela é um todo orgânico social e visível, e por isso necessita de normas que tornem visíveis sua estrutura

⁷ ARISTÓTELES, Poética (1990).

⁸ Relativo aos clérigos, aqueles que possuem grau de ordem eclesiástica, ou seja, padres, bispos.

⁹ Relativo aos leigos, aqueles que não possuem grau de ordem, mas são batizados e participam da vida da Igreja, tão logo estão submetidos as leis dela.

hierárquica e orgânica, a fim de organizar o exercício de suas funções, para a que a vida cristã seja cada vez mais perfeita.

Outra questão que emerge é sobre a natureza do Código de Direito Canônico. Para responder devidamente a ela, cumpre recordar o antigo patrimônio de direito contido nos livros do Antigo e do Novo Testamento, de onde, como de fonte primária, emana toda a tradição jurídico-legislativa da Igreja. (CÓDIGO de Direito Canônico, 1992 p.10).

É preciso compreender que a Igreja em seu carácter universal tem sua lei para todos os territórios eclesiásticos – e em alguns momentos históricos leis exclusivas para cada comunidade e cada tempo –, mas que no período da obra não era completamente sistematizado, só passando a ganhar essa formulação mais sistemática após o Decreto Graciano ¹⁰(1140-1145). Para compreendermos de forma mais efetiva como se encontrava o Direito Canônico, e entendermos que mesmo depois de anos o direito permanece o mesmo pois emana de uma autoridade transcendental, a autoridade Divina, vejamos como Claudia (2004) busca explicar a historicidade e transcendentalidade do direito:

O Direito Canônico, em razão de sua vinculação intrínseca com uma doutrina religiosa, tem um conjunto de fontes que abrange não só documentos normativos convencionais, mas os que incluem a própria fonte transcendental da referida doutrina. Podem ser divididas, nesse sentido, em fontes de natureza divina, onde se encontram as Sagradas Escrituras e a tradição da Igreja; e fontes de natureza temporal, onde se encontram as compilações, os atos normativos estabelecidos pelas autoridades eclesiásticas, as decisões dos concílios, etc. Este grupo pode ser classificado ainda em fontes eclesiásticas e laicas; técnicas e a-técnicas/ literárias; primárias e secundárias; oficiais e privadas (ROSANE, p. 10).

Desse modo, entendemos que o direito canônico atual, por conter a doutrina magisterial, e não somente ter como base as Sagradas Escrituras em conjunto ao magistério, tem sua validade para todos os momentos da vida da Igreja, sendo completamente aplicável as penas canônicas.

Veremos nesta próxima seção alguns aspectos históricos e sociais que podemos verificar por meio da obra, evidenciando o papel da Igreja na sociedade da época de Chaucer, e apresentaremos de forma preliminar a crise de moralidade que era observado nesse mesmo contexto.

4 ENTENDENDO O PAPEL DA IGREJA NA IDADE MÉDIA E APRESENTANDO A CRISE DE MORALIDADE

Neste tópico discorreremos acerca do papel da Igreja e como esse papel foi construído, passeando historicamente pela Idade Média e observando de que modo a Igreja adquiriu essa importância e *status*. Discutiremos também sobre a crise de moralidade no Clero da Idade Média e apresentaremos alguns fatores que acreditamos ser os motivos que levaram a essa crise.

4.1 Como a Igreja adquiriu o *status* na Idade Média e o seu papel

¹⁰ O *Decretum Gratiani*, também conhecido como *Concordantia Discordantium Canonum*, é uma coleção de leis canônicas concluídas por volta de 1140 por Graciano, um monge beneditino da Itália que ensinou no mosteiro de Santo Félix e Santo Nabor na Bolonha, e que é conhecido como o pai do estudo das leis canônicas.

Para compreendermos os fatores que levaram a crise moral na Idade Média precisamos estabelecer os fatores que levaram ao declínio moral. Quando se pensa nesse período, de acordo com o Mundo Educação (2010), se compreende do século V ao século XV, sendo divididas em Alta Idade Média (séc. V ao século X) e Baixa Idade Média (séc. X ao século XV), essa pesquisa se estabelece na Baixa Idade Média, e estudou os fenômenos ocorridos nesse recorte histórico observado em *Canterbury Tales*.

Pontuado o que é a Idade Média, e compreendido historicamente onde temporalmente se deu a obra, entenderemos nesse tópico de que forma a Igreja Católica atuava na forma de pensar e agir das pessoas nessa época, depois disso, mostraremos os conflitos morais da Igreja de forma geral, e mais adiante nos próximos tópicos, exatamente como ocorreu na obra nos contos já mencionados.

Após a queda do Império Romano, a Santa Sé preencheu os espaços deixados pelo império, sendo um escudo contra as civilizações bárbaras, trazendo momentos de paz em idade tão conturbada. As contribuições da Igreja eram numerosas, nos mais diversos campos, quer na contribuição para construção de uma sociedade justa pelos princípios Cristãos que trouxeram importantes estudos no Direito, quer nos campos de construção civil, economia, artes, medicina e ciência. Para compreendermos melhor essa transição do que Rusu e Petratu, (2010) chamam de evolução cultural no fim do Império Romano e a importância do surgimento da Renascença, destacamos que:

Após a queda do Império, a Igreja tornou-se a herdeira da cultura gerada no Império Romano Ocidental pela filosofia grega e pelo direito latino, enquanto no Leste o herdeiro era o Império Bizantino. Mais tarde, durante a chamada "noite medieval", só a Igreja tinha e tornou possível interesses culturais, permitindo desta forma o aparecimento da Renascimento, que é a cultura a ressurreição da humanidade. A instituição monástica, considerada por tantos um anti-cultural, desempenhou aqui o papel principal. (RUSU E PETRARU, 2005 p. 4 minha tradução).

Dessarte, coube à Igreja continuar aquilo que o Império Romano trouxe, e ainda mais, a progredir nas mais diversas áreas. A partir da Renascimento, que transcende o período da Idade Média, é possível verificar um crescimento filosófico (já podemos perceber de forma preliminar em Chaucer, alguns valores como a autonomia de pensamento e o uso individual da razão) e social em todo o mundo, o que traz ao cristianismo o destaque como maior religião do mundo, que influencia até os dias de hoje as demais culturas, e insere no seio da sociedade a ideia de moralidade que hoje temos. Assim, quando observamos agentes dessa mesma Igreja em condutas que não são compatíveis com aquilo que ela prega, há, naturalmente, uma repugnância a esse comportamento, e por se tratar da maior instituição da época, isso era muito comum acontecer.

4.2 Conflitos morais e seus possíveis motivos

Adentrando nos conflitos morais, fazemos um aparte como forma de justificação desses comportamentos - assim como Chaucer fez no capítulo "Retratção de Chaucer" - que veremos mais a diante - e também com o intuito de ilustrar a incidência desses erros no seio da Igreja. A Igreja e as Sagradas Escrituras já demonstram comportamentos iníquos e contra a Fé que vimos ao longo de *Canterbury Tales*, estes, desde o período apostólico, sendo possível observar na carta de São Paulo a Igreja de Gálatas que os próprios cristãos cometiam erros e assim eram repreendidos, vejamos: "Sois assim tão levianos? Depois de terdes começado pelo Espírito, quereis agora acabar pela carne?" (Bíblia Sagrada Ave-Maria, p. 1632).

É possível observar que, desde sempre os comportamentos "pela carne", ou seja, os que não são condizentes com a Fé, eram comuns, e isso não é diferente na Igreja mostrada por Chaucer. Desse modo, mostraremos agora a queda e o conflito moral que temos na Idade

Média. Vários fatores permeiam a imoralidade na Idade Média, um deles é a forte repulsa a sexualidade, o que leva justamente ao erro. Nessa época a mulher e seu corpo eram vistas como coisas amorais por si só, gerando assim na sociedade uma curiosidade pelo “sexo”, não seria diferente nos agentes do Clero.

Para ilustrar, vejamos o que Martins (2018) disse acerca dessa visão da mulher:

Explorado este pensamento, a Idade Média desenvolveu, de alguma forma, a ideia de mulher enquanto ser diabólico, baseando-se, sobretudo, nos escritos de S. Paulo e nos Doutores da Igreja. Tal realidade, difundida quer pelos confessores da corte régia, quer pelos párocos locais, levava a que surgissem teorias como a do monge Jacques de Vitry que afirmava que era melhor “aproximar-se de um fogo ardente do que de uma mulher jovem Por causa da mulher, muitos homens estão mortos” (MARTINS, 2018, p. 140).

Tais preocupações com a sexualidade e o medo dos pecados como os cometidos em *Canterbury Tales* eram uma preocupação vigente, mesmo em meio ao Clero. É possível perceber, pela pregação de Godofredo nos finais do século XI e inícios do século XII, sobre a permanência de clérigos nos mesmos meios que as mulheres, o que pode ter como fim um comportamento pecaminoso, e levar conseqüentemente a imoralidade sexual retratada na obra, causando repúdio pelo fato de se tratar de agentes da Igreja. Vejamos o trecho em que a mesma autora aborda a pregação de Godofredo na citação que se segue:

[...] procurava nos seus sermões convencer os monges afastarem-se da mulher, porque esta era moralmente depravada, desde a origem da humanidade: “Este sexo envenenou o nosso primeiro pai, que era também o seu marido e pai, estrangulou João Baptista, entregou o corajoso Sansão à morte. De uma certa maneira, também, matou o Salvador porque, se a sua falta o não tivesse exigido, o nosso Salvador não teria tido necessidade de morrer” (Ibidem, p.146).

Esse fascínio pelo corpo da mulher e todas as tentações que ele produz retrata ao longo da literatura e da história, um perfeito cenário para ocorrerem os desvios problematizados por Chaucer, levando à tona que o caminho era a rejeição sexual como também a desvalorização da figura da mulher, sendo vista à margem do Clero e tendo suas atribuições em meio a sociedade reduzidas, para que assim se evitem as crises morais vistas nos contos. Vejamos o que a mesma autora conclui acerca dos motivos que levaram a crise moral dos agentes da Igreja, e de certo modo também das mulheres, quer casadas ou não:

O homem celibatário, não por opção, mas por condicionalismos materiais, a maioria das vezes entrava no mosteiro por imposição familiar. Ora, para estes homens, afastados do casamento, a mulher só podia tornar-se numa forte tentação. E eram estes que, embora aparentemente não conhecessem as mulheres, nem possuíssem vida sexual, escreviam longos textos sobre esta temática, dissociados do universo feminino que, de forma maniqueísta, os atraía e os afastava (Ibidem, 148).

A autora conclui que os fatos que levaram aos desvios morais dos clérigos muitas vezes se davam pela imposição das famílias que mesmo sem consciência absoluta da vocação dos candidatos a padres, colocavam-nos nos mosteiros. Desse modo, um homem não vocacionado à vida clerical era presa fácil nas mãos do pecado, e por esse fator cedia ao erro, o que levava à desmoralização do Clero, e em consequência de toda a sociedade da Idade Média, pois esses homens possuíam *status* de nobreza, e em muitos casos chegavam a se envolver com mulheres casadas como o caso do *Friar's tale*, retratado na obra de Chaucer que veremos ao desenvolver deste trabalho.

4.3 Como a igreja reagia a esses confrontos morais?

Aprouve a Santa Igreja, após observar os cometimentos de simonia, os crimes contra o celibato e contra o matrimônio, promover reformas que levassem a um pensamento mais santo junto ao Clero, e impedisse que crises de moralidades fossem contínuos na Igreja, desse modo, vem em socorro a essa situação enfrentada o pontificado do Papa Inocêncio III, com a abertura do Concílio Lateranense.

Em vista disso, foram convocados os 4 Concílios Lateranense cujas intenções eram muito claras a trazer respostas aos desmandos que a sociedade e a Igreja da baixa Idade Média estavam afundadas, trazendo luz à chamada “Idade das Trevas “, mas que devido ao contínuo comportamento desregrado continuavam a acontecer conforme observaremos mais a fundo na discussão sobre os contos. Silva e Lima (2002) estabelecem que os concílios proporião uma mudança radical no comportamento do Clero como observaremos no combate à simonia e nepotismo, como também a moral sexual, os autores pontuam:

O I Concílio de Latrão, realizado em 1123, buscou combater a simonia e o nepotismo, prevendo punições. O cânone 1 proibia a promoção por dinheiro de qualquer pessoa no seio da Igreja. A moral sexual dos clérigos foi também tema de um dos decretos do lateranense I. O cânone 7 é totalmente dedicado a esta questão. Nele, os sacerdotes, diáconos e subdiáconos são proibidos de viver com concubinas, esposas ou qualquer outra mulher, com exceção daquelas que não levantassem suspeitas, como mães, irmãs ou tias (SILVA e LIMA, 2002 p. 93).

Os esforços da Igreja para coibir essas práticas pecaminosas eram inúmeros. Vimos pela pontuação de Silva e Lima (2002) que os concílios de Latrão, de forma incessante buscou mitigar os crimes cometidos pelos clérigos antes mesmo do período em que Chaucer escreve, que caso houvesse uma busca real pelo Evangelho, se buscaria a resignação de tais práticas. Vejamos que os autores também pontuam o preocupação do Magistério em promover práticas que diminuem a simonia, que é um crime amplamente denunciado por Chaucer em *The Wife of Bath's Tale*, observem o que concílio, segundo os autores indicam: O II Concílio de Latrão, de 1139, continuou a denunciar e proibir a simonia, a venda e/ou usurpação de benefícios, promoções ou bens eclesiásticos (cânones 1, 2, 24 e 25) (ibidem, p.93).

Em virtude do apresentado, compreendemos que em face de uma sociedade marcada por tantos desvios de Fé, era necessário que a Igreja pudesse reagir de forma ativa contra os escândalos protagonizados pelos agentes do Clero, e pudesse se posicionar como o faz nos sínodos supracitados, mas que, infelizmente, não tiveram resultados efetivos.

Observamos também que era inevitável que obras como a de Chaucer não surgissem, pois devido aos escândalos vistos nessa época e a Igreja que via de forma passiva os erros cometidos sem nada fazer, cabiam aos leigos (como Chaucer) uma denúncia efetiva livrando-o de qualquer punição, pois se tratava de literatura, e mostrando a realidade da crise moral em que a Igreja na Inglaterra estava afundada.

5 METODOLOGIA

No que concerne a metodologia, essa pesquisa se baseia fundamentalmente em duas perspectivas, bibliográfica e descritiva como mostraremos mais abaixo. O cerne dessa pesquisa foi ajuntar: livros, documentos, e artigos que trabalham junto da mesma perspectiva que a nossa, trazendo uma visão ampla dos acontecimentos à luz daquilo que pretendíamos discutir. Desse modo, observemos como GIL (2008) posiciona uma pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas

exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (GIL, A.C, 2008 p. 50).

As categorizações metodológicas se dão pela utilização do livro trabalhado, ou seja, a obra em si de Chaucer, do Código de Direito Canônico e dos artigos que compuseram o aporte teórico deste trabalho. Afirmamos a partir da compreensão de Gil (2008), que nos mostra que uma pesquisa bibliográfica é aquela que trabalha unicamente com materiais já elaborados, e assim desenvolvem os seus estudos.

Com relação a obra por si, um passo importante para entender o método que utilizamos em nossa reflexão a cerca dos contos, é observar o comportamento das personagens, e a partir disso, observando os erros cometidos, posicionar a luz da doutrina da Igreja e do Código de Direito Canônico. Conforme veremos exatamente na próxima seção onde iremos analisar os contos.

6 ASPECTOS AMORAIS E CRIMES CANÔNICOS OBSERVADOS NA OBRA

Nesta seção, nosso intuito é mostrar ao leitor alguns dos crimes canônicos representados nos contos escolhidos, pois acreditamos que eles ilustram de maneira mais clara erros que desejamos mostrar através deste trabalho. São eles: “*The Friar’s Tale* e *The Pardoner’s Tale*”. Problematizaremos a conduta dos agentes do Clero apresentando trechos da obra que evidenciam os crimes observados e mostrando, à luz do Direito Canônico, como esses agentes deveriam ser punidos.

Durante esse tópico, como mencionamos no início deste trabalho, pretendemos refletir sobre a crítica de Chaucer ao fato de que, como afirma Lauren (2010), a religião estava sendo feita como um negócio, uma distorção da instituição da Igreja que é amplamente denunciado pelo autor como já afirmamos.

6.1 Analisando o primeiro conto: *The Friar’s Tale*

Este conto trata-se de uma história contada por um frade, que no prólogo¹¹ do conto é apresentado. O personagem denunciava alguns desmandos de um “Summoner”, em tradução livre, invocador ou Beleguim. Tal figura agia como um oficial de justiça, invocava as pessoas que atentavam contra o matrimônio ou que cometiam qualquer crime de natureza contra a fé (hereges, simonistas, adúlteros etc).

O frade nos conta que esse Beleguim tinha orgulho dos crimes que cometia e que se esbanjava de alegria pelo fato de poder conseguir o que e quanto quisesse de quem quer que fosse, sem nem mesmo ter cometido qualquer pecado. Ele simplesmente inventava um delito e cobrava a pessoa pelo perdão (absolvição desse pecado) o que caracteriza certamente um crime de simonia cometido pelo invocador. Vejamos então na obra como agia esse clérigo, extorquindo pessoas pobres que cometiam pequenos desvios e quando não ele mesmo inventava:

E o beleguim lucrava imensamente.
E nem mesmo o arcediogo computava
Seus lucros — ele não necessitava
Apresentar decretos ou mandatos

¹¹ Nos contos escolhidos o método de introdução é o mesmo, no prólogo é definido o narrador, que neste caso de *The Friar’s tale* é o frade como dito a cima, e no caso do outro conto, o *Pardoner’s tale*, é o próprio Invocador ou Beleguim.

Para extorquir algum pobre-diabo.
Ameaçava maldições e fogo
 E o convocado lhe forrava o bolso
 Ou pagava um banquete na taverna (CHAUCER, 1951, p.210 grifo meu).

É possível identificar o *modus operandi* do Beleguim, que se aproveitava da fé dos fiéis “ameaçava maldições e fogo” para obter lucros por meio disso, utilizando o medo do inferno e a crença das pessoas na autoridade da Igreja como moeda de troca, à partir de cobranças como as de Doze pences a viúva que veremos mais abaixo. É possível perceber também, como mostraremos na citação abaixo, os medos das pessoas de apresentarem-se às cortes eclesiásticas que subornam o agente do Clero, como afirma Lauren (2010), ainda sobre o modo de operação do Beleguim e, em tese, o alívio das pessoas ao não irem às cortes.

Em “The Friar's Tale”, um invocador discorre sobre seus deveres religiosos, que ele desempenha de forma a torná-los nada menos do que chantagem e extorsão. Ele acusa certas pessoas de pecados que não cometeram e elas o subornam para impedi-lo. (LAUREN, 2011, p. 5 minha tradução).

Outro caráter observado no conto é o caráter pastoral, onde Chaucer por meio de sua sátira mostra as pessoas que o cometimento desses crimes leva as pessoas para a falta de comunhão com o Divino e a eterna danação. Fica bem claro neste conto e no fim dado ao Beleguim, após sua “amizade” com um demônio que tinha o mesmo objetivo que ele “Tua índole é igual — assim eu acho, usurpar as almas e conforme disse o próprio cidadão do Hades¹² sobre o Beleguim:

“Tua índole é igual — assim eu acho.
 Queres fortuna, e não importa como.
 Atrás da presa eu, inclemente, corro,
 Até os confins do mundo mais agrestes (CHAUCER, 1951 p. 212).

Chaucer continua mostrando as tentações sofridas pelos clérigos, revelando a astúcia do diabo que conduz as pessoas ao erro. O Beleguim, portanto, após afirmar que é capaz de retirar dinheiro de quem quiser e quando quiser, é desafiado pelo demônio, que decide o fazer contra uma pobre viúva e o diz: “Desce já! Tenho grande intimação. /Ao arcediogo foste convocada; / Corres risco de ser excomungada” (CAUCHER, 1951 p. 212).

A viúva retruca dizendo nunca ter cometido crime algum, sendo a ela imputada o crime contra o matrimônio. Aproveitando-se da situação, o Beleguim cobra a viúva que afirma não possuir a quantia de *Doze pence* para receber a absolvição.

A viúva sabendo de sua conduta sempre correta, irrita-se com o Beleguim e diz: “Que ele vá”, ela diz, “pro fogo ardente, / Que o Demo o leve, mesmo estando vivo / A menos que ele esteja arrependido!” / “Arrepende-me? Vaca, tu estás louca!” / “Até tuas roupas Eu tomaria, rindo com certeza!” (COGHILL, 1951 p. 214)

O autor define o fim do Beleguim em meio a tantos erros: o Hades, o demônio então, vendo a cena, pergunta ao Beleguim o motivo de estar agitado e responde:

No fundo Inferno tu estarás comigo
 E aprenderás de nossa companhia
 Mais que um doutor da vã teologia (ibidem, p. 363).

¹² Hades era um dos deuses da mitologia grega, conhecido como o deus do submundo, o lugar para onde vão as almas dos mortos. Na mitologia cristã, o Hades é o inferno, ou o submundo, para onde vão todos aqueles que não obtiveram o perdão dos pecados.

Percebemos, portanto, que o objetivo pastoral supracitado de Chaucer fica claro ao observar “Mais que um doutor da vã teologia “referindo-se ao Beleguim, sendo um conhecedor das leis da Igreja, tanto do direito canônico, quanto da lei judaica, como também da teologia e não a praticando, sendo ligado a vãs teologias e tradições exatamente oposto aquilo que é pregado pela Igreja e as Sagradas Escrituras.

Pela observação do conto é possível notar que o padre que deveria seguir as leis da Igreja usava de sua função para obter lucros próprios, quando deveria estar preocupado em lucrar as almas para o céu, uma grande contradição proposta por Chaucer e amplamente vivido nessa época.

Fica evidenciado o caráter satírico de Chaucer, que se mistura em uma perfeita obra agrídoca, tendo seu caráter pastoral que promove mudanças no comportamento dado e a tentativa de quebra do “*status quo*”, trazendo uma recuperação evangélica a Igreja e tentando reduzir o cometimento da simonia.

6.2 Analisando o segundo conto: “*The Pardoner’s Tale*”

O conto que se segue tem uma mesma intenção: evidenciar o comportamento de mais um agente do Clero. Desta vez temos um padre confessor que ouve as confissões das pessoas e tem por mandato do próprio papa¹³ a faculdade de perdoar os pecados daqueles que recorrem ao sacramento da reconciliação ou confissão. Recebendo a absolvição sacramental, torna-se assim livre da culpa ou pecado temporal, conforme rege o Catecismo da Igreja Católica em seu número 1424, estando dessa forma liberto dos pecados e conseqüentemente salvo, desta forma diz o catecismo:

É chamado sacramento do perdão, porque, pela absolvição sacramental do sacerdote. Deus concede ao penitente «o perdão e a paz». É chamado sacramento da Reconciliação, porque dá ao pecador o amor de Deus que reconcilia: «Deixai-vos reconciliar com Deus» (2 Cor 5, 20). Aquele que vive do amor misericordioso de Deus está pronto para responder ao apelo do Senhor: «Vai primeiro reconciliar-te com teu irmão» (Mt 5, 24) (Catecismo Igreja Católica, Edições Loyola, 2017 grifo meu).

Com tal poder – quase que de São Pedro, por ter as chaves do céu para a salvação, e do inferno para condenação – o *Pardoner* era uma pessoa de alta influência na sociedade. Esta tinha um medo fervoroso do Inferno, e que mesmo que não acreditasse, poderia sofrer sérios castigos nas mãos da Inquisição¹⁴, e por este *status*, era praticamente impossível de não ser corrompido, ou ao menos ser tentado a essa corrupção.

A figura do *Pardoner*, representada por Chaucer, não era demasiadamente diferente das demais com relação ao seu caráter, tinha orgulho do que fazia e da corrupção cometida fazendo desta a sua fonte de riqueza. Lauren (2010) cita a irrelevância dessas figuras ante os erros cometidos, que de fato fingem que o erro deles nem sequer são vistos como corrupção para eles mesmos. Vejamos o que ela diz sobre:

O *Pardoner* pensa que ele é superior aos outros peregrinos por causa do poder que a posição na igreja lhe confere. Ele não acredita que precisa temer a punição e provavelmente está correto. Para Chaucer parece, que a única coisa possivelmente pior do que um funcionário corrupto da igreja é um funcionário corrupto da igreja

¹³ A bula papal, mandato papal ou bula pontifícia, é um documento que recebe a autoridade do Papa, a maior autoridade da Igreja, para uma certa ação, sendo concedido seja ela por meio de um cardeal ou do próprio papa.

¹⁴ A inquisição, a época a inquisição romana, tinha uma série de métodos para se obter uma confissão, inclusive duros castigos físicos, que muitas vezes faziam o penitente confessar sem ao menos ter algum pecado.

que nem sequer tenta fingir que o que ele está fazendo é corrupto. (LAUREN, 2010 p.12).

Apresentada a personagem e alguns aspectos da doutrina da Igreja para ilustrar a importância do personagem nesse contexto, agora mostraremos na obra um pouco de como agia o clérigo e de como ele se posicionava diante do próprio sacramento da confissão e da importância que ele mesmo dava ao sacramento.

Para iniciar, vejamos logo no prólogo do conto como o *Pardoner* trata as sagradas relíquias: “Depois saco os estojos de cristal Com ossos e tecidos — arsenal De relíquias (ao menos, é o que digo)”, o vendedor de indulgências trata as relíquias como um arsenal, uma série de ossos e tecidos que são vendidos a fim de se obter um milagre por intercessão dos santos a qual se pertenciam as relíquias. De modo igual trata as absolvições:

Mas quem tiver pecados menos graves,
Que oferte donativos, sem achaques,
E lhes darei absolvição total;
Pra tanto, tenho a permissão papal.
E por que viveria eu na pobreza
Quando posso engrossar minha riqueza
Arrancando de quem tem quase nada?
Prefiro ter a bolsa recheada! (CHAUCER, 1951 p. 295 grifo meu).

É possível analisar que o personagem não tem qualquer apreço pela sua função, afirmando publicamente em tavernas durante a peregrinação que devem pagar boas quantias para ter a absolvição total “Quando posso engrossar minha riqueza”, não se importando nem mesmo se as pessoas as quais ele dirige seus esforços em simonia, tem quaisquer condições de pagar aquilo” Arrancando de quem tem quase nada?”. Fica evidenciado, desde o prólogo do conto, a gravidade das ações denunciadas por Chaucer que iremos ver de modo mais profundo ao verificar o conto e seu final.

O conto segue com uma imensa pregação do padre aos bêbados da taverna que seguiam em peregrinação. Fica notório o profundo conhecimento teológico acerca do sacramento da penitência que Chaucer demonstra por meio do *Pardoner*. Entretanto, não nos ateremos a esse mérito, pois trata-se de uma extensa exegese do sacramento da reconciliação pelo qual a personagem usa de meio de vida. Por essa razão, deveria entender minuciosamente desde o antigo testamento como esse sacramento é compreendido, o que Chaucer mostra com extrema clareza.

A seguir tentaremos demonstrar, como é a intuição desse trabalho nos crimes canônicos que seguem. Vejamos o seguinte trecho da obra:

Tenho os perdões pra todos os pecados;
Pagando bem, serão bem perdoados;
Eis a bula papal, bula sagrada!
Deem seus broches, seus panos, cobres, pratas!
Nesta lista os seus nomes vou botar
Garantindo no Céu o seu lugar!
Tenho o poder de dar absolvição A todos, se fizerem doação;
Ficarão sem nenhum pecado imundo
Como recém-nascidos neste mundo!
Eis como prego; e o curandeiro Cristo (Ibidem, p. 308-309 grifo meu).

Observando os trechos acima, podemos verificar que a intuição de toda pregação salvífica do *Pardoner* como no trecho “Garantindo no Céu o seu lugar!” vemos em tinha como única intuição o bem próprio: “Pagando bem, serão bem perdoados; “ adquirindo por meio do

seu *status* enquanto clérigo as posses das pessoas, demonstrando um conhecimento evangélico profundo ” Ficarão sem nenhum pecado imundo Como recém-nascidos neste mundo!”, usando as próprias palavras das sagradas escrituras e mais especificamente do próprio Cristo: “Em verdade vos declaro: se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos Céus. (AVE MARIA, São Matheus 18,1-4)”

Não obstante a venda das indulgências, o simonista retratado por Chaucer também vendia relíquias, mostrando a importância delas e diversos testemunhos de graças alcançadas por meio da devoção às sagradas relíquias. E para finalizar a análise do conto, mostraremos que nem sempre as pessoas aceitavam a procedência dessas relíquias e em alguns momentos dado a fama desses agentes, as pessoas não viam tanta confiabilidade, como é o caso do Albergueiro. Vejamos:

Na fila do perdão, venha primeiro
 O maior pecador — dom Albergueiro!
Se doares uns dois ou três alqueires,
Minhas relíquias deixarei que beijes.
 Avante, quero ver tua bolsa aberta...
 “Mas nem pensar!”, nosso Albergueiro berra,
 “Nessa eu não caio! Ah, tuas relíquias tolas! [...]
Em vez dessas relíquias inventadas
 Vou pegar as tuas bolas, e esmagá-las! (Ibidem, p. 310-3011 grifo meu)”

Verificamos que com uma total desmoralização do ofício divino, os próprios leigos já se encontravam aborrecidos, de modo que era completamente descarada a forma de agir retratada por Chaucer. Esse comércio da fé deixa em dúvida não apenas os clérigos, mas a própria Igreja em si. Analisando mais profundamente as palavras do Albergueiro” Ah, tuas relíquias tolas! [...] Em vez dessas relíquias inventadas “, vê-se uma descrença nas próprias relíquias que conota uma dúvida com relação aos itens devocionais da Igreja.

Fica mais evidente nesse conto o possível objetivo do autor em compô-lo; e o comportamento do Clero nessa época, assim como frouxidão das autoridades eclesiásticas, que viam os fatos ocorrendo e como disse o próprio” *Pardoner*“ nem mesmo o Arcediago¹⁵ teria conta do dinheiro adquirido de forma ilícita, além da falta de apreço das autoridades pelo ofício divino também é muito marcada nesse conto.

6.3 Categorizando os crimes e mostrando a luz do CIC as punições devidas

O autor aponta o cometimento de extorsão; por outro lado, a Igreja Católica condena o uso dessas práticas. A Igreja que é guiada por sua própria lei, o já mencionado” O Código de direito canônico”. Esse documento, assim como os documentos conciliares já citados, tem um forte caráter repreensivo a esses delitos que são amplamente abordados por Chaucer. Essa extorsão se dá por simonia, tanto ao vender as indulgências quanto a venda das relíquias.

E quais são as punições para este tipo de pecado de acordo com a lei da Igreja? Para responder a essas perguntas veremos o que o Código de Direito Canônico (doravante CIC¹⁶) reza sobre isso, qual o castigo para esse pecado hoje em dia, entendendo a característica imutável do CIC desde o seu princípio. Nessa parte do tópico vamos mostrar, à luz CIC, dois aspectos acerca da validade do sacramento oferecido em simonia e da punição do clérigo que assim oferece os sacramentos. Vejamos esses dois cânones:

¹⁵ Arcediago ou arcediácono, é um diácono que possui autorização do bispo para exercer várias funções administrativas, é a segunda pessoa mais importante de cúria diocesana ou arquidiocesana.

¹⁶ Utilizamos essa abreviação para darmos mais fluidez ao texto, Código de Direito Canônico ou em latim,” *Codex Iuris Canonici*”, é utilizado na literatura eclesiástica a abreviação CIC.

Cân. 1380 — Quem por simonia celebrar ou receber um sacramento, seja punido com interdito ou suspensão.

Cân. 1381 — § 1. Quem usurpar um ofício eclesiástico, seja punido com pena justa.

§ 2. Equipara-se à usurpação a retenção ilegítima do cargo, depois da privação ou cessação do mesmo. (CÓDIGO de Direito Canônico. Loyola, 1992 p. 337 grifo meu).

A partir destes dois cânones, podemos afirmar que a Igreja, — pelo trabalho conciliar de Latrão — pôde produzir documentos que coibissem essas atitudes e conseqüentemente as punissem. Pelo direito, os clérigos como o Beleguim e o *Pardoner* deveriam ser punidos com o interdito ou com a suspensão do uso da ordem sacerdotal, não podendo mais realizar absolvições sacramentais tão logo perderiam aquilo que os faziam lucrar, ou seja, a venda das indulgências.

Os cânones supracitados também levam em consideração os casos das pessoas que recebem o sacramento. Desse modo, os leigos que viessem a receber por simonia um sacramento seriam igualmente punidos ao clérigo com a suspensão ou interdito, sendo nos casos dos leigos, não podendo aproximar-se da comunhão, e dos clérigos, tendo o afastamento de seus ofícios como afirma o cânon supracitado. Também observamos que mesmo diante de uma insistência, após ter sido suspenso, a Igreja também obriga justa pena para aquelas pessoas que foram privadas do ofício eclesiástico e que continuam a utilizar a ordem sacerdotal.

Outro crime também denunciado por Chaucer são as vendas das relíquias sagradas que verificamos há pouco no *Pardoner's tale*. A Igreja, a partir do CIC, também proíbe a venda desses artigos de fé. O mesmo conto também relata a desconfiança da veracidade das relíquias que o *Pardoner* traz consigo. Com relação a isso, a Igreja tem também sua posição muito definida proibindo a alienação das sagradas relíquias, como as que estavam sob posse da personagem sem que houvesse definitivamente uma autorização da Santa Sé. Vejamos diretamente no documento como essas posições são colocadas:

Cân. 1190 — § 1. Não é permitido vender relíquias sagradas.

§ 2. As relíquias insignes ou outras que sejam honradas com grande veneração pelo povo, de modo nenhum se podem alienar validamente nem transferir perpetuamente sem licença da Sé Apostólica.

§ 3. A prescrição do § 2 aplica-se também às imagens que se honrem nalguma igreja com grande veneração do povo (Ibidem, p. 297).

Na observação dos cânones acima, vemos a explícita proibição da venda das relíquias sagradas na alínea 1, e que essa prática estava estritamente condenada no direito da Igreja. Vimos também que o *Pardoner* não poderia nem sequer portá-las, pois apenas as pessoas que são autorizadas pela Igreja e recebe a sua devida licença podem transferi-las para si, o que não era o caso da personagem, uma vez que até usava simulacros para venda e não possuía o mandato validamente como o mandato da absolvição que tanto indicava possuir.

Tão logo, identificamos que os crimes expostos nos dois contos estariam condenados de forma expressa pela lei da Igreja, e que ocorriam unicamente por desvio de caráter dos personagens, não por falta de lei que condenassem as práticas, e como vimos, ocorriam unicamente pela frouxidão nas fiscalizações dos agentes que os deviam, o que deixa a dúvida que não fica evidenciado nos contos: será que as autoridades maiores da Igreja como o arceidiago não fechavam os olhos aos crimes cometidos?

De modo que, se houvesse um esforço para a salvação das almas e não a obtenção de comercio dentro da Igreja, haveria justamente o que supomos que seja o objetivo da composição de Chaucer, uma mudança no comportamento geral, o que seguira justamente aquilo que o CIC impõe que todas as medidas sejam tomadas a partir desse único fim, sendo a

lei suprema da Igreja: [...] e tendo-se sempre diante dos olhos a salvação das almas, que deve ser sempre a lei suprema na Igreja (Ibidem, p. 413).

Percebemos que o CIC mostra de forma sistemática as punições que os clérigos e leigos deveriam receber quando do cometimento dos crimes. Identificamos dentro da obra que é possível categorizar e apontar o comportamento dos personagens frente as hipocrisias, categorizando-as nos cânones pelos quais se evidenciam uma reação aos erros.

Assim, vemos que a Igreja tem todo um mecanismo que deveria coibir essas atitudes, o que não houve dado ao próprio caráter dos personagens e a sanha pelo capital. Na próxima seção, encerraremos com as últimas considerações a cerca deste trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho pudemos entender a importância e contemporaneidade da obra de Chaucer. Vimos que *The Canterbury Tales* foi uma das primeiras obras inteiramente escrita em língua inglesa, tendo um significado abrangente em virtude desse fato. Vimos aspectos importantes do autor e em geral da obra, supomos acerca das motivações que levaram o autor a escrever os contos e concluímos que o próprio autor nos levou à resposta disso.

Mostramos a transcendentalidade do direito, e concluímos que o CIC atual, apenas ele, já era suficiente para entender quais eram as penas canônicas aplicadas aos clérigos e aos leigos em virtude dos erros cometidos e retratados por Chaucer através de uma análise da construção do direito canônico ao modelo sistemático que se observa com o código atual.

Evidenciamos os aspectos sociais da baixa Idade Média, e descrevemos o cenário em que se inseria a obra, de modo a nos fazer entender como e por que a sociedade e os clérigos se comportavam daquela forma, sendo infiéis aos mandatos de Cristo e sua Igreja, deixando claro a crise moral na Igreja e na sociedade da época, o que inspira o nosso autor a compor os contos. Posicionamos também o leitor sobre a reação da Igreja a esses crimes morais, e concluímos que se davam devido ao desvio de caráter das próprias pessoas e dos personagens, no caso da obra.

Por fim, através da análise dos contos supomos os crimes canônicos cometidos pelos agentes do Clero e pelos leigos, mostramos dentro da composição de Chaucer esses comportamentos contrários à fé presentes nos contos *The Friar's tale* e *The Pardoner's tale* que acreditamos serem o que mais evidenciam esses desvios. Discorremos à luz do CIC como esses agentes deveriam ser punidos, como também os leigos, vimos que nossa suposição a ortodoxia da Igreja em lidar com esses crimes estavam evidenciados no CIC.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990. Série Universitária. Clássicos de Filosofia.

BEHTASH, Esmail Zare; TOROUJENI, S. M. H; SAMANI, Farzane Safarzade. An Introduction to the Medieval English: The Historical and Literary Context, Traces of Church and Philosophical Movements in the Literature. **Advances in Language and Literary Studies**, Australia, v. 8, n. 1, p. 1-9, jan./2017. Disponível em: <http://www.journals.aiac.org.au/index.php/all/article/view/3082>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria, 141.ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1959, (impressão 2001). 1632p.

CATECISMO da Igreja Católica. 19. ed. São Paulo : Loyola, 2017. p. 13-734.

COGHILL, Nevil. **The Canterbury Tales.** 35. ed. Londres: Penguin, 1951. p. 15-300.

CÓDIGO de Direito Canônico. 1. ed. São Paulo : Loyola, 2017. p. 27-416.

DAY, Lauren. *The Canterbury Tales: Chaucer's Respectful Critique of Church Officials and Their Abuse of Power.* **Pell Scholars and Senior Theses**, Newport, v. 1, n. 75, p. 1-27, jul./2011. Disponível em: https://digitalcommons.salve.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1075&context=pell_theses. Acesso em: 12 fev. 2021

MARTINS; O, A. M. D. **O CORPO FEMININO NA IDADE MÉDIA: UM LUGAR DE TENTAÇÕES.** 1. ed. Lisboa: O corpo-Memória e Identidade, 2013. p. 103-116.

ROESLER, Claudia Rosane. A ESTABILIZAÇÃO DO DIREITO CANÔNICO E O DECRETO DE GRACIANO. **Revista Sequência**, Florianópolis, v. 1, n. 49, p. 9-32, dez./2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/download/15220/13840/46897>. Acesso em: 16 fev. 2021.

RUSU, Iulian; PETRARU, Gheorghe. INFLUENCE OF CHURCH ON CULTURAL EVOLUTION . **European Journal of Science and Theology**, Romania, v. 1, n. 1, p. 3-9, jan./2005. Disponível em: < <https://www.semanticscholar.org/paper/INFLUENCE-OF-CHURCH-ON-CULTURAL-EVOLUTION-Rusu-Petraru/7b5bc79295f3da80cbbaff6586397d45079ac506> >. Acesso em: 10 fev. 2021.

SANTOS, A. B. E. D. Representações do Clero em Os Contos da Cantuária. **Roda da Fortuna**, Barcelona, v. 1, n. 1, p. 248-266, jun./2012. Disponível em: https://www.academia.edu/25407783/Representa%C3%A7%C3%B5es_do_Clero_em_Os_Contos_da_Cantu%C3%A1ria. Acesso em: 16 fev. 2021.

SILVA, A. C. L. F. D; LIMA, Marcelo Pereira. **A REFORMA PAPAL, A CONTINÊNCIA E O CELIBATO ECLESIASTICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS LEGISLATIVAS DO PONTIFICADO DE INOCÊNCIO III (1198-1216).** **HISTÓRIA**, Curitiba, v. 1, n. 37, p. 83-109, mar./2002. Disponível em: <[https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2704#:~:text=2002\)%20da%20Silva,A%20REFORMA%20PAPAL%20A%20CONTIN%C3%8ANCIA%20E%20O%20CELIBATO%20ECLESIASTICO%3A%20CONSIDERA%C3%87%C3%95ES,INOC%C3%8ANCIO%20III%20\(1198%2D1216](https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2704#:~:text=2002)%20da%20Silva,A%20REFORMA%20PAPAL%20A%20CONTIN%C3%8ANCIA%20E%20O%20CELIBATO%20ECLESIASTICO%3A%20CONSIDERA%C3%87%C3%95ES,INOC%C3%8ANCIO%20III%20(1198%2D1216)>. Acesso em: 18 fev. 2021

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, autor e consumidor da fé, por meio D'ele e para Ele todas as coisas são feitas. Sem a sua iluminação nem sequer as duas primeiras linhas deste trabalho seriam feitas.

À Sempre Bem-Aventurada Virgem Maria, a São Bento e São José, que sempre rogai a Deus por mim.

À minha mãe, Kátia Lanucia, ela que sempre insistiu e acreditou que tudo isso seria possível e incessantemente, mesmo com suas limitações devido à doença, está comigo me apoiando — sempre perguntando como se fosse uma apresentação de escola sobre o andamento deste trabalho — sem ela nada disso seria possível. Estendo a meu pai Lindnaldo e ao meu irmão Maurício, que de igual modo estiveram ligados à minha educação.

De forma saudosa, agradeço a minha avó falecida nesta pandemia, Vauneide Souza, por todo amor me dado enquanto viva, e que pela sua vida veio o amor da minha, minha amada mãe. Ao Deputado Federal Rômulo José Gouveia, parte essencial na minha educação, a quem sempre prestarei minha vênica e agradecimento.

Aos meus professores, que me trouxeram para o mundo acadêmico e me fizeram desbravar esse universo magnífico da literatura. Em especial deixo os nomes do meu orientador Thiago Almeida, dos professores que fazem parte desta banca: Joselito Lucena e Celso Júnior, como também dos professores que tenho igual apreço: Flávia Guimarães, Marília Castro, Fernanda Floriano, Maria das Neves, Paulo Alberto, Iá Niani e tantos outros que me formaram enquanto ser acadêmico e humano também.

Por fim, agradeço aos meus amigos de graduação que tanto me ajudaram nesses anos todos. Deixo registrado os nomes de: Maria Taynan, Guilherme Abuchaim, Rejane Rodrigues, Alan Brandão e outros. Agradeço de forma especial a minha namorada, Maria de Fátima, que se empenhou e teve muita paciência durante o tempo de escritura deste trabalho.